

Cómo ver el mundo: una nueva introducción a la cultura visual

Mirzoeff, Nicholas

Barcelona: Paidós, 2016

Maria Emilia Sardelich

O modo de olhar construído pelo mundo em que vivemos é discutido nessa “nova introdução à cultura visual”, do britânico Nicholas Mirzoeff, intitulada *Cómo ver el mundo*, publicada pela editora Paidós, em 2016, 13 anos depois da primeira *Introdução à cultura visual*, do mesmo autor. Formado em história da arte pelas universidades de Oxford e de Warwick, Mirzoeff atua como professor de meios, cultura e comunicação, na Universidade de Nova York. Inicia o livro reconhecendo suas dívidas intelectuais com John Berger (1926-2017), os enfoques feministas da cultura visual e os estudos culturais britânicos, dedicando a obra à memória de Stuart Hall (1932-2014).

A partir de um contraste entre a fotografia *A bolinha azul*, tirada pelo astronauta Jack Schmitt, em 1972, durante a missão espacial Apollo 17, e uma imagem produzida pela National Aeronautics and Space Administration (Nasa), em 2012, Mirzoeff discorre sobre as transformações ocorridas na sociedade global. A imagem produzida pela Nasa nos é apresentada como se fosse uma fotografia tomada, supostamente, de um ponto no espaço, porém ela é resultado da colagem de inúmeras outras capturadas por satélites em diferentes partes do planeta. O autor considera que essa imagem pode ser uma boa metáfora de como vemos o mundo na atualidade. Trata-se de uma visão-mosaico, que se constrói a partir de pequenos fragmentos e aceita que o que vemos

parece um todo, mesmo quando não é. Desse modo, vemos a imagem produzida pela Nasa, que apresenta a parte norte do continente americano – diferentemente da imagem de 1972 tomada do espaço e salientando o continente africano – como um mundo unificado, coerente e equivalente à realidade. Esse suposto mundo unificado produzido pela visão-mosaico é jovem, urbano, conectado e quente. Estes quatro indicadores combinados – cidades conectadas e em expansão, com população majoritariamente juvenil e clima em câmbio permanente – caracterizam a cultura global. Gostemos ou não, essa cultura é visual, pois as centenas de horas de vídeo que se carregam por minuto em YouTube e os trilhões de imagens que circulam nas mídias sociais são evidências de nossa maneira de ver o mundo. Nos sentimos impelidos a representá-lo em imagem e a compartilhar essa imagem, como parte essencial do nosso esforço de compreendê-lo, bem como nosso lugar neste mundo.

Os sete capítulos do livro passeiam pelo *selfie*, em metáfora sobre como nos vemos; a visão, como um sistema de realimentação sensorial que se vale dos mapas corporais – a nossa percepção de onde estamos e quem somos – e os treinamentos para a distração da visão; a visualização, que emprega tecnologia aerotransportada e representa o mundo como um espaço para a guerra; os corpos, como extensões de redes de dados que se enlaçam e reproduzem o que vemos e compreendemos em telas que nos acompanham em nossos deslocamentos; nossa compreensão do mundo, como resultado de uma amálgama entre o aprender a ver e não ver. Nesse passeio, o autor caracteriza o livro como uma ajuda para ver um mundo mutável e mutante. Compreende a cultura visual como o estudo que procura entender a mudança em

um mundo extenso demais para ser visto, mas que imaginá-lo se torna vital. Afirma que a cultura visual se converteu em expressão-chave na década de 1990 e que, naquele momento, enfatizava o estudo das representações, sobretudo da identidade de gênero e a identidade sexual.

Mirzoeff destaca que, assim como o vocábulo história, a expressão cultura visual designa tanto o nome do campo acadêmico como seu objeto de estudo. Por sua vez, inclui as coisas que vemos, o modelo mental de visão que temos e também o que podemos fazer em consequência ao que vemos e ao modelo mental que temos. Denomina-se cultura visual porque se trata de uma cultura do visual, o que, entretanto, não é simplesmente a soma de tudo que tem sido criado para ser visto, mas a relação entre o visível e os nomes que damos ao que foi visto, como também tudo aquilo que se oculta à vista. Isso quer dizer que não vemos simplesmente aquilo que está à simples vista, mas acoplamos uma visão de mundo que resulta coerente com aquilo que sabemos e já experimentamos alguma vez.

A prática da cultura visual tem passado por várias versões no século 21 e hoje essas versões convergem para o ativismo visual, um modo de criar formas de mudança. Se na década de 1990 podíamos utilizar a cultura visual para criticar e resistir às formas com que a arte, o cinema, os meios de comunicação de massa nos representavam, hoje podemos empregar ativamente a cultura visual para criar imagens próprias, outros modos de ver e ser visto, outras maneiras de ver o mundo. A cultura visual se converteu em forma prática do que se poderia denominar pensamento visual, algo que não nos limitamos a estudar, mas com que antes nos comprometemos. Portanto, o ativismo visual é a interação de *pixels* e ações para criar mudanças. Se os *pixels* são a parte

visível do que é produzido por um computador – desde as palavras criadas por um editor de textos até as imagens e sons –, as ações são o que fazemos com essas formas culturais para criar pequenas e grandes mudanças, desde uma ação política direta até uma representação, uma conversa ou uma obra de arte. Nicholas Mirzoeff finaliza o livro com uma provocação para todos aqueles que produzem e pensam com e a partir das imagens: uma vez que aprendemos a ver, demos um passo necessário; trata-se agora, porém, de transformar o mundo.